

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Eduardo do Nascimento



16ª SEMANA
NACIONAL DE
CIÊNCIA E
TECNOLOGIA
Bioeconomia, Diversidade e Riqueza para o
Desenvolvimento Sustentável



INSTITUTO
FEDERAL
Santa Catarina
Câmpus
Caçador



Ano 2020



REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Eduardo do Nascimento



16ª SEMANA
NACIONAL DE
CIÊNCIA E
TECNOLOGIA
Bioeconomia, Diversidade e Riqueza para o
Desenvolvimento Sustentável


**INSTITUTO
FEDERAL**
Santa Catarina
Câmpus
Caçador

 **Atena**
Editora
Ano 2020

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

 **CNPq**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Rede Contestado de educação, ciência e tecnologia

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima Wisniewski
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Eduardo do Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
R314	Rede Contestado de educação, ciência e tecnologia [recurso eletrônico] / Organizador Eduardo do Nascimento. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-244-9 DOI 10.22533/at.ed.449200308 1. Rede de Educação, Ciência e Tecnologia do Contestado. 2. Educação. 3. Ciência. 4. Tecnologia. I. Nascimento, Eduardo do. CDD 370.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

CONTESTADO TEMPO PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Com os avanços da informatização e das redes de recursos externos, os territórios estão cada vez mais conectados. Com uma necessidade cada vez mais evidente de trabalho em rede e em conjunto, os pesquisadores e demais profissionais direcionam seus estudos e trabalhos para uma perspectiva cada vez mais unida e com fortes contribuições ao meio onde estão inseridos.

Nem sempre houve interesse em conectar as vivências do interior, a comunicação e seus processos tradicionais que se revelam essenciais à vida humana. De uns tempos para cá o interior ganhou voz e hoje se tecem diálogos, que nos parecem cada vez mais necessários, por intensificarem o acesso a práticas capazes de alterar as reduções das desigualdades em espaços antes nunca visitados sejam pelas iniciativas privadas ou públicas. No arcabouço geral da teoria da tríplice-hélice, um movimento que engrena governo, universidade e empresa, há um desenho essencial para compreensão desta formação de capital, especialmente social, no bojo de uma estrutura necessitada de acesso, considerando a sociedade como base do modelo.

Mais que o capital meramente gerado em torno de uma exploração de mão de obra, é preciso colocar no cerne da questão a sociedade. Esta, sendo uma das beneficiárias das práticas de interiorização. Há de se dizer, e parece não ser exagerada essa visão, que a interiorização da rede federal de educação, ciência e tecnologia, para educação profissional e tecnológica, corrobora com essa interpretação.

Iniciada nos idos dos anos 2007, a interiorização torna-se uma pauta desenvolvimentista pelo governo Lula, sendo dali em diante um estopim de processos expansionistas e de interiorização seja pelo ensino superior com o REUNI (programa de reestruturação universitária, ou pelos programas de expansão da rede federal). Antes o acesso às universidades e institutos federais, antes conhecidos como CEFETs, se dava apenas em grandes centros e especialmente os inseridos nas regiões litorâneas, temos que nesse instante, novos rumos são levados a instalar campus em regiões com potencial de desenvolvimento e com alto índice de desigualdades.

Diante dessa celeuma, nota-se que a região do contestado se enquadra nesse quesito, especialmente quando observados alguns números pertinentes. Estes números expressados pelos indicadores adotados pelo governo do estado em seu programa de redução de desigualdades em 2016, ajuda a entender essa preocupação com o desenvolvimento local da região contestada.

Nesta seara, ainda mais intensa e preocupante, são os indicadores de violência, baixa escolaridade e acessibilidade em Caçador e demais municípios pertencentes a região central do contestado. Nisto vê-se que o processo de exclusão e silenciamento iniciado ainda quando da guerra, não se encerrou. O capital regional se concentra em poucas mãos, os salários são baixos e a exploração da mão de obra continua a todo o vapor. Tudo

isso ainda com cara de meritocracia, quando os serviços básicos de assistência e saúde sequer são prestados em essência para a comunidade local.

Diante desta pobreza, inclusive cultural, remontam às necessidades de entender as desigualdades no contexto do Contestado. Essa lacuna mais que exacerbada diante destes documentos e estudos, revelam ainda que a falta de acesso não só na educação, reflete também na cultura e seus processos formativos de sociedade. Historicamente, os cinemas da cidade viraram lojas de departamento. Não há um teatro local adequado e público formado para consumir estes produtos. Os espaços para artistas e demais entusiastas são quase nulos. Um processo de resistência com o tempo e com a cidade se desenha quando deste acesso: inexistente, porém não nulo, pois as paredes e muros da cidade reverberam este pensar.

Essa observação corrobora com o contexto das propostas que se ensaiam e se concretizam desde 2018 o Contestado. Com a instalação de campi tanto do IFSC quanto do IFC, além de um da UFSC em Curitibaanos, revelam da importância do contestado para práticas de educação, e seus efeitos de extensão e pesquisa. No entanto, essas instituições até então não conversavam, nem se conheciam de forma efetiva. Assim, atividades em rede praticamente eram inexistentes.

Com os cortes que atingem a educação de forma sistemática este processo de fala e comunicação, também se encontrava defasada e até mesmo desanimada em razão das dificuldades orçamentárias em torno da questão. Em 2018, um grupo de entusiastas capitaneados pelos servidores Letissia Crestani, museóloga do museu do contestado, do professor Júlio Corrente, da área de história e então coordenador do museu e da Cristiane Dobner, assessora da secretaria de desenvolvimento econômico de Caçador, tomaram por decisão propor às agências de fomento um plano de eventos.

Esses servidores públicos, somados a este autor, submeteram ao CNPq um pedido de recursos públicos para eventos de popularização da ciência no edital da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – SNCT, em 2018. Naquela oportunidade o texto desenvolvido, trabalhou a perspectiva da redução das desigualdades com uma grande contextualização de um temário emergente regional. Diante daquela oportunidade se desenhou os eventos de 2018, 2019 e 2020, consolidando uma rede de parceiros que agora conversa e dialoga em prol do desenvolvimento científico e tecnológico regional, sendo mais uma frente de discussões e debates que as instituições de ensino puxam na região.

Já em 2019, o grupo toma corpo com pesquisadores de renome e de caminhada científica para contribuir com essa popularização da ciência no contestado. Eduardo do Nascimento, doutor em engenharia de materiais, assume o comando conectando ao saber da academia, já excelentemente construído por Letissia Crestani, e as necessidades populares com as ideias de uma rede de desenvolvimento sustentável, e com construções de espaços multifacetados que integram o saber acadêmico e as emergências sociais enxergadas no contestado.

Em 2020, a ideia de um congresso do contestado, um segundo congresso aliás, se alinha às realidades dos IFs do interior. Sem tantos eventos e reuniões de popularização

do saber, constrói-se uma segunda edição do evento. O primeiro realizado em junho de 2019, concentrou um viés histórico e geográfico onde se concentram muitos estudos do contestado, mas abriu para discutir o hoje, o que fazemos aqui o que construímos no território. Um congresso com ar de produção local, e com o ouvir e o dizer dos caboclos e entusiastas ainda remanescentes de um contestado ávido por oportunidades.

Quando construída a agenda da proposta em 2018, a ideia nasceu de um sentimento de abandono da administração municipal que até então manifestava e organizava as iniciativas em relação a semana do contestado em Caçador. Nesta oportunidade, houve um desinteresse pelas autoridades públicas para realizarem os eventos. Nisso a comunidade, manifestada por líderes de movimentos e encampando a bandeira cabocla, solicitou os recursos ao CNPq para transformar em ciência o saber e o conhecimento popular, vez que os estudos e pesquisas em torno do contestado são imensos.

Neste ambiente, a semana do contestado toma um formato popular, encabeçado pela Prefeitura de Caçador, Museu do Contestado e o Instituto Federal de Santa Catarina, campus Caçador. A municipalidade manifestada pela Câmara Municipal de Caçador, da qual tinha um papel de também auxiliar a chamar a Semana do Contestado, edita alteração legislativa da qual sai das responsáveis pela organização do evento.

Dessa forma o evento passa a ser um compromisso apenas da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, da qual disponibilizou a estrutura de servidores e espaços para a realização dos eventos em rede. Eram os primeiros sinais de uma construção coletiva popular para as atividades, mas também pela própria propositura de uma agenda de continuidade em torno de uma proposta de que os eventos em torno do contestado não deveriam por concentrar apenas na semana do contestado, um sentimento anterior também exarado em outras oportunidades, mas por todo o tempo como identidade local.

Com isso nasce a propositura da ação em que se congrega a temática: Semana do Contestado: Um Olhar Científico na História de um Povo. O município de Caçador, bem como os municípios de Irani, Lebon Régis, Calmon, Matos Costa, Curitibanos, Campos Novos, Rio das Antas, Videira, Fraiburgo, Santa Cecília e Timbó Grande, são localizados no meio oeste catarinense e fazem parte da região do Contestado, região que historicamente foi palco de um conflito que quase dizimou a população e concentrou a riqueza na mão de poucos, por isso é uma das cidades mais pobres do estado. Donald Schuler, na obra Império Caboclo, destaca a importância do Contestado, em seu texto vê-se, mesmo que literário, revela a amplitude do conflito, como sendo mais importante do que a semana de arte moderna, dez anos mais tarde.

Aliado a esses fatores históricos, os investimentos públicos também privilegiavam as regiões litorâneas e demoraram muito na sua interiorização, deixando a região com décadas de atraso. A ciência, a chegada de tecnologias, arte e cultura, por exemplo, foram as mais sacrificadas nesse processo. Nesta celeuma, percebe-se que grande parte da população de Caçador é de famílias carentes que tem como principal fonte de renda o trabalho assalariado nas indústrias da cidade. Isso ainda não mudou, porém alguns aspectos culturais, especialmente pelas autoridades públicas se revelam.

Ainda em 2018, destacamos enquanto equipe proponente, que a grande maioria da população não só de Caçador, mas de todo o corredor do Contestado, não possui acesso à cultura, noções de ciência e tecnologia. A maioria nunca sequer assistiu uma peça teatral, ou visitou algum museu, ou ainda têm noção das tecnologias regionais, da ciência popular, de que é possível fomentar hortas comunitárias nas escolas, ou tantas outras possibilidades científicas simples para melhorar o dia-a-dia do cidadão, especialmente os mais carentes. Desta maneira, dar visão a estrutura social e com isso realizar a “Semana do Contestado: um olhar científico para a história de um povo”, é uma forma de democratizar o acesso à arte, a cultura, a ciência, a tecnologia levando entretenimento, informação e conhecimento para a comunidade.

Por isso, projetos permanentes que visem empoderar as pessoas da região mais pobre de Santa Catarina fazem-se necessários para que a comunidade possa se desenvolver nessas áreas. É evidente investir no protagonismo da comunidade em fomentar novos movimentos culturais, de pesquisa científica, de conhecimentos agroecológicos, de ciência para atividades populares, de noções de agronomia, de ervas medicinais, de modo democrático e aberta. Essas ações visam conceder a comunidade um poder em que se reconheçam como detentoras de saber, livrando-os de intempéries que as condições de risco, porventura, possam ocasionar, isto pela democratização do acesso à ciência e tecnologia, além é claro, da educação, cultura e arte.

Dessa forma, a proposta visou e contemplou a região do contestado com um evento de abrangência regional e até nacional pela amplitude que foi o conflito, pela memória do povo, pela propositura de uma agenda de reconhecimento e empoderamento regional de modo a oportunizar mais acesso e oportunidades aos jovens, estudantes e toda a comunidade regional, pela ciência e tecnologia.

Assim, na semana proposta, houve atividades como, fomento de banners sobre a história do contestado no museu da cidade, de modo a construir a primeira semana acadêmica do contestado em forma de seminário, que depois cresceu e virou um grandioso congresso, em que os acadêmicos compartilharam e debateram seus estudos sobre o tema, junto da comunidade. A arte possui um papel íntimo na proposta deste texto, vez que dialoga intimamente com a cultura e cientificidade do conhecimento popular como espaço na universidade, mas no caso em tela, do instituto federal e também dos espaços públicos de guarda da identidade e história local.

Desta monta, fomentar a produção de arte e cultura locais, de modo a contribuir no caráter científico regional, como o artesanato, as pessoas acabam encontrando mais que um “bico”, elas encontram uma prática que age na elevação da autoestima e da renda familiar. Com estas ações, além da perspectiva de atividades autônomas, o indivíduo pôde resgatar objetivos de vida profissional e pessoal, porque a partir da experiência que os participantes tiveram, houve um despertar e um aprimorar dos seus conhecimentos na área, a ampliar as suas atuais possibilidades. Mais que uma semana de conhecimento científico, foi um convite a revisitar a própria identidade do povo caboclo.

É importante ressaltar que a atividade buscou articular os conhecimentos e a

indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão nas áreas que foram demandadas pela comunidade do local e pelas possibilidades das instituições parceiras de atender a esses pedidos. As atividades tiveram forte cunho de extensão porque o evento foi realizado nas comunidades das regiões e cidades parceiras incluindo atividades em bairros chave, como o bairro Martello, o mais populoso do município de Caçador, cerca de 13 mil habitantes, segundo o Censo 2010, onde hoje se encontra em maioria o caboclo moderno.

Desta maneira, como a realização do evento, tivemos bastante êxito em estimular a divulgação científica das ciências humanas, sociais e sociais aplicadas, visto que a história e o direito, por exemplo, foram bastante exacerbados durante este evento, através de publicações e afins. Vale salientar que o conhecimento de um contestado atual perpassa para o conhecimento aqui gerado, vez que as instituições locais geram ciência e aprendizado e mesmo com uma globalização e mais conectividade entre as pessoas, ainda é dificultosa essa partilha com estudantes e pesquisadores no interior.

Desta monta, o evento fomentado em que de fato houve a produção de arte e cultura locais, de modo a contribuir no caráter científico regional, como o artesanato, as pessoas acabam encontrando mais que um “bico”, elas encontram uma prática que age na elevação da autoestima e da renda familiar. Nessas ações, insta mencionar o laboratório de costura do IFSC, fora do câmpus, com a ideia maior de popularizar o acesso a formação e a ciência em comunidades carentes de Caçador.

Com estas ações, além da perspectiva de atividades autônomas, o indivíduo pode resgatar objetivos de vida profissional e pessoal, porque a partir da experiência que os participantes terão, poderão desejar aprimorar os seus conhecimentos na área ampliar as suas atuais possibilidades. Programas como mulheres sim, e formações de extensão enquanto receptivo às demandas dos gargalos sociais existentes, são muito essenciais para a redução de desigualdades no corredor.

Desta maneira, com o benefício financeiro do projeto, foi possível estimular a geração de conteúdos e o compartilhamento de experiências de divulgação e popularização da ciência, como ferramentas de ensino formal e não formal (material impresso, brinquedos educativos, experimentos, jogos, vídeos, softwares, aplicativos), especialmente no primeiro congresso nacional do contestado, realizado em junho de 2019.

Ainda no âmbito das instituições de ensino e de outros organismos científico-culturais, tal como as hortas comunitárias em escolas modelos da região, a limpeza de uma determinada região carente da cidade pela comunidade, conhecido regionalmente como “puxirão”, celebrando a importância e celebração regional dos aspectos científicos e populares, viabilizando uma horta e jardim sensorial com base no conhecimento caboclo local visando uma popularização e interiorização da ciência, também foram realizados.

Em 2019 não é exagero dizer que houve um dos maiores eventos de popularização da ciência no corredor do Contestado: o Primeiro Congresso do Contestado. Este evento construído entre as paredes do IFSC e do IFC, transbordou e foi para as comunidades como acesso e popularização da ciência. Construído durante um ano, o congresso sai

do comum cientificamente dizendo, e vai para uma realidade de Instituto Federal, com apresentação do método e das práticas de pesquisa para alunos de ensino médio, estes como protagonistas do fazer ciência.

O papel do IFC através de seu Núcleo de Estudos do Contestado, é exemplar. A agenda proposta pelo grupo se pauta e muito nas necessidades locais. Quando falo das dificuldades de dialogar entre as instituições o IFC nos ensina que pela extensão é um caminho exemplar a seguir. O IFC ajudou a desenhar não só o congresso do contestado, mas a IV Semana do Contestado de Caçador, transformando a ação em um evento de caráter regional e estadual, como objetivava os recursos da chamada. A UNOESC também possui um papel nesta popularização evidenciado pelo trabalho e companheirismos de membros da equipe que abraçaram a causa, junto da UFSC e tantas outras instituições parceiras dos eventos.

Mais uma semana do contestado se constrói com as pessoas, vez que como dito anteriormente, esse foi um importante passo para a reunião de pessoas em torno da comunidade. Em 2019, a temática foi de meio ambiente, e sua preservação, em que muitos ensinamentos e afins se pautaram a ponto de revisitar conhecimentos populares e demais estruturas necessárias da comunidade. Para 2020, havia ações em rede e sistêmicas, como ciclo de oficinas e atividades extramuros, porém devido a cenário da pandemia, todas essas ações restaram prejudicadas em continuidade. Muito mais que uma relação meramente acadêmica, essas oficinas certamente mexeriam com o imaginário e o conhecimento popular, conectando a ciência com as ações e práticas para redução das desigualdades.

Para onde rumamos na continuidade, para este pensar de redução de desigualdades no contestado? Certamente o interesse deve ser muito além do que uma mera agenda, e sim um convite a comunidade a expressar anseios e vontades. O IF, é uma escola, como qualquer outra, com a estrutura adequada para cursos e formação profissional e tecnológica. No entanto, é no âmago de suas propostas legais que residem esse encontro: o de fomentar ações e cursos capazes de desenharem uma estrutura que esteja em acordo com os anseios locais.

Tem sido uma missão dificultosa a de construir uma agenda nesse sentido no Contestado, mas não pensamos em desistir nesse momento. Buscar agregar aqueles que se identificam com a causa, e com as temáticas que reduzem desigualdades, é um importante passo a ser consolidado nas agendas de relações e contatos seja da administração e afins.

Como disse um autor, o contestado continua lá e aqui. Portanto é preciso olhar para essas incongruências históricas e construir a partir daí uma relação íntima com o desenvolvimento. Esse desenvolvimento está longe da visão gourmet de inovação ou desse desenvolvimento pelo capital. A partir daí se discute uma inovação social que remonta a necessidade de reconhecer saberes e competências e que dessa forma trata de gerar identidade àqueles desprovidos de capital e esperança.

Essa é a função dos IFs na redução das desigualdades, uma delas aliás. Dito isso devem se somar a essa luta todos aqueles que veem alguma coisa disforme na sua

comunidade e em si mesmo. Com isso fica o convite a reflexão de construir uma região, uma cidade, um bairro, uma comunidade em que estamos inseridos, e o papel transformador individual somado os grupos, revela uma máxima: juntos podemos.

O Contestado vive e nós, que vivemos nele, dele, sigamos juntos pela redução das desigualdades.

Este livro é uma coletânea de artigos científicos e relatos de projetos produzidos recentemente pelos pesquisadores das instituições públicas que formam a Rede de Educação, Ciência e Tecnologia do Contestado e colaboradores. Esta rede visa a ampla divulgação e popularização da ciência. Os textos deste livro entremeiam um debate interdisciplinar, de forma a reconfigurar narrativas sobre o espaço cultural, sócio-ambiental e histórico-geográfico do Contestado. A emergência destes estudos e ações, que trazem diversas linhas de abordagens dos processos que se configuraram neste território, são fundamentais para romper com a invisibilidade e o abandono da cultura cabocla. Os 21 capítulos proposto mostram o desenvolvimento regional das ciências aplicadas, da educação e das políticas públicas, sobretudo, enfatizam os aspectos culturais e conflitos que permeiam o Contestado. Por fim, este livro pretende atender a demanda por leituras sobre o contexto atual de pesquisa e extensão na região do Contestado. Agradeço imensamente pela sensibilidade da artista Maní e pela aquarela “Maria Rosa do Contestado” que ilustra a capa deste livro.

William Douglas Gomes Peres (IFSC/Caçador)

PREFÁCIO

Márcia Janete Espig
(UFPel/Pelotas)

Márcia Elisabete Schüler
(IFC/Videira)

O CONTESTADO VIVE! A FORMAÇÃO DE UMA NOVA IRMANDADE CABOCLA

O movimento do Contestado, guerra civil que incendiou um vasto território localizado entre os estados de Santa Catarina e Paraná, foi um acontecimento histórico sangrento, marcante, traumático. Traumático, sobretudo, para a população pobre que nele lutou, muitas vezes descrita como população cabocla. Quando falamos sobre os caboclos do Contestado, não nos referimos à cor de pele, a uma etnia ou a grupos humanos miscigenados, mas queremos significar o termo “caboclo” para a descrição de indivíduos que possuem um tronco cultural em comum. Mais do que um tipo físico, um tipo cultural. E no caso da região Contestada, pensamos o caboclo imerso em uma cultura de profunda devoção religiosa; de crença em São João Maria; de respeito pela natureza; de acolhimento; de fortes laços comunitários. Parte dos migrantes vindos de outras regiões do país, ou mesmo imigrantes, “acaboclarão-se”, ou seja, vivenciaram e tomaram para si esse modo de ser e de viver. Uma vida simples, mas bela em muitos de seus preceitos. Através desse modo de pensar, durante a Guerra uniram-se em fraternidade e comunidade, em torno da Santa Religião, onde todos eram “irmãos e irmãs” e onde “quem tem mói, e quem não tem mói também”. Naquele momento de conflito, essa forma de pensar o mundo não foi bem aceita por uma cultura elitista e urbana, tendo sido descrita de maneira preconceituosa através de jornais e outras narrativas.

Os primeiros julgamentos vieram logo após sua primeira reunião em Taquaruçu, junto ao Monge José Maria. O jornal Folha do Comércio, de Florianópolis, em setembro de 1912, considerava que a junção dos sertanejos seria produto de sua extrema “ignorância”, causada pela “falta de escolas” e “abandono”. Essa forma de pensar aparece em muitos periódicos, sendo os caboclos continuamente avaliados. Nesse primeiro momento, a principal acusação é a de ignorância ou, como diziam alguns, “falta de cultura”, ou inclusive “espíritos atrasados”.

Os epítetos preconceituosos permaneceram e se ampliaram à medida que a Guerra evoluiu. Aquele primeiro momento, de reunião e comunhão fraterna, evoluiu para uma postura de autodefesa, primeiramente na Batalha do Irani, e posteriormente nas Cidades Santas, que passaram a se organizar no final de 1913. Os ataques por parte das forças oficiais, constituídas pelas Forças Públicas do Paraná e de Santa Catarina, pelo Exército Nacional e por vaqueanos ligados aos coronéis da região, dizimaram mulheres, crianças e idosos, gerando a revolta dos caboclos, personagens historicamente espoliados pelo

sistema capitalista que se impunha.

A partir desses acontecimentos, e da reação às inúmeras violências sofridas, o sertanejo passou a ser avaliado mais duramente e os adjetivos passaram a ser mais cruéis. O mesmo jornal anteriormente citado, em dezembro de 1914 vai chamar os rebeldes de “bandidos” e “salteadores vulgares”. Aliás, “bandidos” e “jagunços” são dois dos termos mais comuns para descrevê-los, e repetem-se em inúmeras fontes históricas que falam sobre o Movimento. Além dos jornais, podemos citar livros escritos por militares que participaram da repressão e que usam termos semelhantes.

Para se ter uma ideia, o primeiro tenente Herculano Teixeira d’Assumpção, que chegou à região em 1915, afirmou que os moradores locais eram pouco trabalhadores, além de bárbaros, selvagens, bandidos, chegando a chamá-los de “monstros”. Em livro publicado em 1917, afirmou que ali vivia “[...] uma população numerosa, sem o mínimo resquício de sentimento humano...” O mesmo tom foi empregado em documentos produzidos no calor da hora, tais como Autos de Perguntas e Inquéritos realizados com rebeldes capturados ou que se apresentaram às forças legais. Nessa documentação, foram chamados de “tipos torpes, bandidos e gatunos”, bem como “vagabundos da pior espécie”. Termos semelhantes são encontrados em outros materiais, tais como relatórios ou partes de combates. Facínoras, jagunços, bandidos, alucinados, hediondos... Termos fortes e injustos, ao descrever uma população que estava a defender seu chão, sua família e sua cultura.

Por muito tempo, essa terminologia persistiu em boa parte dos livros produzidos sobre o Contestado. Até os dias de hoje, eventualmente encontramos obras que tratam os rebeldes por “jagunços” ou, o que é mais comum, por “fanáticos”. Dentro da maior parte das obras acadêmicas, contudo, esses termos não somente foram abandonados, mas também criticados. Hoje, não faz sentido tratar os caboclos ou sertanejos do Contestado por palavras elitistas ou arrogantes. Combater esse tipo de preconceito tem sido uma batalha travada por historiadores, sociólogos, antropólogos, geógrafos, folcloristas, agentes culturais, dentre outros estudiosos contemporâneos. A percepção atual acerca da legitimidade da luta sertaneja e sobre a riqueza cultural daquelas populações traz contornos positivos à memória e à identidade dos homens e mulheres, moradores atuais do ex território Contestado.

Com todas as arbitrariedades sofridas, não apenas no campo de batalha, mas também no campo simbólico, não causa estranheza que por muitas décadas o Contestado tenha sido um assunto tabu no próprio local que em que ocorreu. Logo após a destruição do reduto de Santa Maria, que geralmente assinala o final do movimento, houve na região aquilo que o pesquisador Maurício Vinhas de Queiroz chamou de “fase do açougue”. A expressão é autoexplicativa, e designa um momento em que a maior parte das forças militares se retirou, deixando a cargo de alguns piquetes o trabalho de “limpeza”, quando parte dos rebeldes restantes foram caçados e assassinados impiedosamente. Era necessário, então, para própria sobrevivência física, não falar sobre a Guerra, esconder-se, negar proximidades. Soma-se a isso toda a carga representada pelo uso de termos e expressões que analisamos mais acima: fanáticos, bandidos, jagunços... Esse

processo, em conjunto, causou um retraimento das memórias, das narrativas sobre as vivências, da fala sobre o trauma causado pela Guerra. Tudo isso deveria, forçosamente, ser reprimido no campo do pensamento. E assim viu-se o silenciamento do caboclo, a violência simbólica, o represamento das experiências vividas, a impossibilidade de falar sobre o passado. Mas essas memórias estavam lá, e calavam fundo. Em grupos íntimos, familiares, esse lembrar era possível, senão necessário. Em público, porém, jamais se assumir “jagunço”, não relembrar as cidades santas, nem a experiência de vida igualitária e comunitária.

Por décadas persistiu esse silenciamento na região. Aos poucos, porém, diferentes tipos de ações foram alterando esse quadro. Pesquisadores e estudiosos, interessados em historiar o período da Guerra, começaram a percorrer tais espaços. Além dos documentos escritos, buscavam os testemunhos orais, as falas, memórias e lembranças dos remanescentes do movimento, ou de seus descendentes. A esse interesse o caboclo respondeu ressabiado, por vezes preocupado. Afinal, não poderia ser esse pesquisador um sucedâneo daqueles que o alcunhavam bandido? Não seria também um representante daquela cultura elitista, preconceituosa, responsável por uma violência física e simbólica de tamanho difícil de ser mensurado?

Certamente esse não foi um processo fácil para os caboclos. Aos poucos, contudo, o interesse vindo de fora da região foi sendo percebido como legítimo, trazendo um lembrar sobre o passado. Em certo sentido, os pesquisadores reafirmavam aos remanescentes do conflito a importância de seu protagonismo durante a Guerra. Reafirmavam seus marcos identitários, desejavam saber sobre as Cidades Santas, se interessavam pelos personagens que lá viveram, valorizavam sua fé no Monge e na natureza. Esse movimento teve início pelas décadas de 1950 e 1960, e continua ativa até os dias de hoje. Se já não temos remanescentes vivos de uma guerra mais que centenária, temos seus descendentes, suas memórias familiares, indiretas mas não menos importantes. E a fé no Santo Monge, essa persiste, e se materializa em cruzeiros, capelas, águas santas, ermidas, cavernas, grutas... Continua a fascinar pesquisadores de variadas áreas de conhecimento, além de artistas, cineastas, dramaturgos, entre muitos outros.

Nesse processo de positivação da memória, o poder público também teve sua importância. Em nível estadual, nas décadas de 1980/1990 o governo catarinense passou a celebrar a riqueza da história contestada. Destacando o protagonismo dos caboclos, símbolo da “luta dos pequenos” frente a injustiças sociais e políticas, o estado estimulou estudos, publicações, vídeos, além da implantação de marcos e placas em locais significativos, tais como espaços onde ocorreram batalhas ou existiram Cidades Santas. Essas ações refletiram uma guinada do discurso oficial. Os homens e mulheres do Contestado passavam de bandidos a heróis, defensores do solo Contestado frente a forças espoliativas. Outra iniciativa importante foi a construção do Parque Temático do Contestado, em Irani, no local em que ocorreu a famosa Batalha. Embora o projeto inicial não tenha sido realizado em sua totalidade, serviu para promover a preservação daquele sítio, criando um local de memória educativo para as novas gerações. Em 2001, a bandeira

do Contestado foi reconhecida oficialmente pelo governo estadual como símbolo regional do Estado de Santa Catarina, podendo ser hasteada em eventos oficiais. No ano seguinte, outra lei instituiu a Semana do Contestado, a ser lembrada anualmente, entre os dias 20 e 27 de outubro.

Outros grupos sociais, mais ou menos na mesma época, também dedicavam atenção ao conflito e o transformavam em referência. Em 1986 a região de Taquaruçu recebeu a Primeira Romaria da Terra em Santa Catarina, ligada a diferentes grupos sociais, tais como as Comunidades Eclesiais de Base e as pastorais operárias. Diferentes símbolos e referências relacionadas ao Contestado passaram a ser apropriadas por diversos movimentos sociais contemporâneos, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

Toda essa agitação, de reconstrução identitária, de positivação de memórias e de reposicionamento histórico dos personagens do Contestado não estaria completo se não houvesse um forte movimento interno, nas comunidades, entre as populações descendentes dos caboclos. Não temos aí um processo único ou combinado, mas diferentes processos ocorrendo em várias cidades que compõem hoje a região outrora contestada. E nesse ponto devemos lembrar a ação de homens e mulheres que, cada qual em sua comunidade, fizeram e ainda fazem a diferença ao promover a rememoração acerca do conflito por diferentes vias. São muitas experiências, várias delas ainda em movimento, em locais como Caçador, Lebon Régis, Fraiburgo, Calmon, Matos Costa...

Sendo impossível citar aqui todas esses experimentos e todos os agentes culturais envolvidos, pensamos homenagear a todos e todas na pessoa de um de seus precursores, o falecido folclorista Vicente Telles, um ativista que fez da sanfona sua arma e recompôs a história e a memória sobre o Contestado na região de Irani. Participou da idealização do Parque Temático do Irani, incentivou o ensino escolar e a rememoração através de dramatizações, declamações e música. Encheu os olhos e os corações em sua comunidade. Vemos hoje movimentos variados, cada qual com sua especificidade, mas que buscam, em cada local, objetivos semelhantes: o resgate da identidade cabocla, a positivação dessa identidade, e o repensar sobre as dolorosas memórias acerca da Guerra do Contestado.

Em meio a esse percurso, surge um importante evento, que dialogou não apenas com a produção acadêmica sobre o Contestado, mas também com as iniciativas de resgate cultural acima mencionadas. O Primeiro Congresso Nacional do Contestado, ocorrido em junho de 2019, teve lugar em Caçador e acolheu a comunidade local de maneira inédita.

Este evento foi possível graças ao trabalho comum e em rede, a partir do convite feito pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) para que o Instituto Federal Catarinense (IFC) participasse através de seu projeto de extensão Núcleo de Estudos do Contestado (NEC) da criação, construção e execução da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia onde teria lugar um evento acadêmico abordando a ciência para redução de desigualdades e tendo o Contestado como foco de debate.

Os Institutos Federais no Brasil surgem distribuídos em eixos congruentes às demandas regionais onde são implantados e são apoiados no tripé baseado em ensino,

extensão e pesquisa. Entre os anos de 2007 a 2012, várias unidades do IFSC e do IFC foram implantadas no Contestado Catarinense, em locais como Canoinhas, Videira, Caçador, Fraiburgo, Luzerna, dentre outros. O projeto de extensão NEC tem ações voltadas ao estudo da Guerra do Contestado, com atividades consolidadas desde 2013.

Quando o NEC aceitou arregaçar as mangas e compor a organização, começava a se formar novamente a irmandade no mundo caboclo, nele e a partir dele. Outras instituições, como a comunitária Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) foram chamadas e aceitaram o convite desafiador de trazer pela primeira vez um evento acadêmico deste porte para terras contestadas. Também o NEC ganhou fôlego com a introdução de novos membros externos que ajudaram e ajudam a solidificar aquilo que se lançou como proposta entre as instituições.

Muito se fala do Contestado fora de seu território e a conquista foi trazer pesquisadores importantes, estudantes de todos os níveis para apresentar trabalhos, debater e ouvir e ainda incorporar ao evento acadêmico as comunidades, líderes locais e pessoas envolvidas no resgate da cultura cabocla, na memória do Contestado.

Todos os que já tiveram a rica experiência de estar em meio ao povo caboclo do Contestado sabem sobre o espírito de irmandade e partilha que norteia a vida dessas pessoas. O fazer comunitário é traço fundante da cultura cabocla desde o modo de vida herdado das nações indígenas nativas, aos redutos de resistência durante a Guerra até a formulação e concretização deste Primeiro Congresso Nacional do Contestado, cujo resultado acadêmico podemos atestar nesta publicação, recheada de contribuições as mais diversas.

Foram 23 pesquisadores que produziram resultados, provocações, relatos de ações sobre o tema em mesas temáticas, 79 trabalhos acadêmicos inscritos para avaliação e público de 1200 pessoas circulando pelo congresso. Colaboraram com o mesmo vinte instituições nacionais, além de pesquisador internacional vinculado à ONU.

A presente obra é um dos muitos frutos decorrentes desse memorável encontro. Dos artigos aqui publicados, 15 foram apresentados no congresso, e os demais 6 trabalhos surgem a partir da rede de relações acadêmicas então constituídas ou reforçadas.

Sotaques e gentes de vários rincões se achegaram ao evento, interessadas em nossa história, o que demonstra que o Contestado é maior que nós mesmos... O Contestado vive.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BANDA CABOCLOS REBELDES: A IDENTIDADE DO CONTESTADO EM CONCERTO	
Eduardo do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.4492003081	
CAPÍTULO 2	9
MEMÓRIA DO COMBATE DE RIO DAS ANTAS: DESCOBRINDO VESTÍGIOS SOBRE A TRINCHEIRA DOS COLONOS	
Márcia Janete Espig	
Gerson Witte	
DOI 10.22533/at.ed.4492003082	
CAPÍTULO 3	21
A GUERRA DO CONTESTADO E A LEI DE TERRAS IMPERIAL: UM ESTUDO DE CASO DA FAZENDA FIGUEIREDO (LAGES, 1855-1917)	
Flávia Paula Darossi	
DOI 10.22533/at.ed.4492003083	
CAPÍTULO 4	34
CONTENDAS ENTRE CATOLICISMO POPULAR E CATOLICISMO ORTODOXO NO CONTESTADO	
Cleber Duarte Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.4492003084	
CAPÍTULO 5	49
A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NA CIDADE DE CAÇADOR	
Andrea Alves Cavalet	
Hillevi Maribel Haymussi	
DOI 10.22533/at.ed.4492003085	
CAPÍTULO 6	59
DINÂMICA TERRITORIAL NO CONTESTADO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE PARANÁ E SANTA CATARINA	
Diane Daniela Gemelli	
Silas Rafael da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.4492003086	
CAPÍTULO 7	69
DEZ ANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA EM CURITIBANOS	
Cristhiane Martins Lima Kreusch	
Renata Marafon	
DOI 10.22533/at.ed.4492003087	
CAPÍTULO 8	81
A CONTRIBUIÇÃO DA IMPLANTAÇÃO DO PARQUE RIO DO PEIXE PARA A PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA GUERRA DO CONTESTADO	
Marcia Garbin	
Mariana Di Domenico	
Bianca De Bortoli	
Amanda Zago	
Juliana Aparecida Biasi	
DOI 10.22533/at.ed.4492003088	

CAPÍTULO 9	91
COTIDIANO E MOVIMENTO OPERÁRIO EM RIO NEGRINHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA REGIÃO DE FRONTEIRA COM O CONTESTADO - (1919-1982)	
Fernando Henrique de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.4492003089	
CAPÍTULO 10	102
MEMÓRIAS DO CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	
Gerson Luiz Buczenko	
DOI 10.22533/at.ed.44920030810	
CAPÍTULO 11	109
EXTENSÃO COMO ANIMAÇÃO DE PROCESSOS SOCIAIS: A EXPERIÊNCIA COM O ARTESANATO NO MUNICÍPIO DE CURITIBANOS-SC	
Cleber José Bosetti	
Zilma Isabel Peixer	
Juliana Golin Krammes	
DOI 10.22533/at.ed.44920030811	
CAPÍTULO 12	119
PROPRIEDADES TOMADAS, PROPRIEDADES INCENDIADAS, VIDAS APAGADAS!	
Viviani Poyer	
DOI 10.22533/at.ed.44920030812	
CAPÍTULO 13	130
A RESISTÊNCIA, O SINCRETISMO RELIGIOSO E O PAPEL DE SALVAGUARDA DA MEMÓRIA DO CONTESTADO NAS BENZEDEIRAS DA REGIÃO DO CONTESTADO NO SÉCULO XXI (2000-2018)	
Flávia Rhafaela Pereira	
Silvio dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44920030813	
CAPÍTULO 14	142
SÍNTESE VERDE DE NANOPARTÍCULAS DE PRATA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
William Gustavo Sganzerla	
Ana Letícia Andrade Ferreira	
Cleonice Gonçalves da Rosa	
Ana Paula de Lima Veeck	
Michael Ramos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.44920030814	
CAPÍTULO 15	156
ENTRE REPETIÇÕES, CONSENSOS E CONTRASENSO: UMA POSSÍVEL TRAJETÓRIA DE JOSÉ MARIA ATRAVÉS DA HISTORIOGRAFIA SOBRE A GUERRA DO CONTESTADO (? – 1912)	
Gabriel Carvalho Kunrath	
DOI 10.22533/at.ed.44920030815	
CAPÍTULO 16	166
NAS ENTRELINHAS DO PROCESSO JUDICIAL: O ASSALTO AO TREM PAGADOR	
João Felipe Alves de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.44920030816	

CAPÍTULO 17	176
TABULEIRO DA ORTOGRAFIA: ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM POR MEIO DE JOGO EDUCATIVO PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
David Ferreira Severo	
Bianca Gonçalves Sousa de Moraes	
Diogo Moreno Pereira Carvalho	
Marta Ferreira da Silva Severo	
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.44920030817	
CAPÍTULO 18	189
GUERRA, FOME E GENOCÍDIO: A SECA DA TAQUARA E O EXÉRCITO NO ENCALÇO DOS CABOCLOS DA REGIÃO DO CONTESTADO (1910-1923)	
Delmir José Valentini	
DOI 10.22533/at.ed.44920030818	
CAPÍTULO 19	213
A CARTOGRAFIA NA FRONTEIRA SUL DO BRASIL: RIO BRANCO E OS LIMITES ENTRE BRASIL E ARGENTINA (1889-1895)	
Michel Felipe Moraes Mesalira	
DOI 10.22533/at.ed.44920030819	
CAPÍTULO 20	225
O LEGADO DE UM CONFLITO: A HERANÇA DO CONTESTADO PARA A REGIÃO MEIO OESTE CATARINENSE	
Tatiana Bruna Fabian	
Tulainy Parisotto	
DOI 10.22533/at.ed.44920030820	
CAPÍTULO 21	236
O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO DE SÃO JOÃO MARIA EM SÃO MATEUS DO SUL/PR	
Alcimara Aparecida Föetsch	
Mário Sérgio Deina	
DOI 10.22533/at.ed.44920030821	
CAPÍTULO 22	252
A REVOLTA DO CONTESTADO E O PASSADO QUE NÃO PASSA: NACIONALISMO, ABJEÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Lucas Emmanoel Cardoso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.44920030822	
SOBRE O ORGANIZADOR	262

A RESISTÊNCIA, O SINCRETISMO RELIGIOSO E O PAPEL DE SALVAGUARDA DA MEMÓRIA DO CONTESTADO NAS BENZEDEIRAS DA REGIÃO DO CONTESTADO NO SÉCULO XXI (2000-2018)

Flávia Rhafaela Pereira
(UFPR/Curitiba)

Silvio dos Santos
(UFPR/Curitiba)

RESUMO: Este artigo pretende mobilizar e sensibilizar a população para a importância da conservação da prática de fé produzido pelo benzimento, ato tradicional na Região do Contestado, visto que esta é carregada de contextos históricos importantes para a formação de uma identidade e memória coletiva. A pesquisa aqui exposta tem como objetivo principal a elaboração de uma exposição, onde, sobretudo, a fé de cura criada em torno das benzedeadas seja analisada para compreendermos de que forma a memória oral e coletiva se faz presente dentro desta fé sincretizada, visto que as benzedeadas se munem de instrumentos ligados a fé surgente no contexto da Guerra do Contestado.

PALAVRAS-CHAVE: Benzedeadas; Guerra do Contestado; Benzimento; História Oral.

1 | INTRODUÇÃO

A fé, em sentido amplo, é a busca pela racionalização do inexplicável. Para Weber (1991) é comum ao homem crer que figuras misteriosas e com poderes que estão além da compreensão humana são capazes de curar os males físicos e espirituais. É o caso dos terapeutas populares, também conhecidos

como benzedores, agentes sociais que tem por característica a religião e dentro desta, a cura.

O ato de benzer remete à Idade Média. Mulheres e homens conhecedores de ervas, raízes e rezas se dedicam a esse trabalho desde muitos séculos atrás. No Brasil a tradição do benzimento, muitas vezes marginalizada, é de importância incontestável. Essas figuras carregam consigo a tarefa de sobreviver ao imponente avanço científico e tecnológico e, mais do que isso, manter viva uma memória coletiva que vem sendo deixada de lado. Perseguidas ao longo da história pelo cristianismo, que as caracterizavam como bruxas, essas figuras permaneceram firmes em seus propósitos e conquistaram seu espaço na sociedade.

A proposta deste artigo é realizar um debate acerca das práticas de benzimento contemporâneas empregadas pelas terapeutas populares na Região do Contestado, com o objetivo de produzir questionamentos sobre a importância destas figuras para a malha social e o protagonismo no papel de resistência contra a intolerância religiosa. O trabalho pretende abordar a influência da fé messiânica empregada pelos três Monges que figuraram a guerra do Contestado (João Maria D'Agostini, João Maria e José Maria), desta forma ressaltando a importância da manutenção da memória do conflito.

O artigo é processo de um projeto monográfico que ambiciona democratizar o acesso ao tema, desta maneira tem como foco a produção de uma exposição, onde a temática das benzedeadas seria levada ao público de uma forma sensível e cuidadosa. A exposição contará com fotos, objetos sacros, vídeos e conteúdo histórico, para que o visitante compreenda a importância e o saber que carregam esses agentes para a manutenção da história pública. É imprescindível para a elaboração da exposição histórica que haja consentimento de todas as benzedeadas entrevistadas ao longo da montagem e curadoria da exposição.

1.1 O messianismo da guerra salvaguardado pelas benzedeadas

A região do Contestado, no início do século XX, era um território quase inóspito. Situado no extremo sul de Santa Catarina, é composto por quarenta e cinco municípios, e tem por sede a cidade de Joaçaba. O território foi assim reconhecido a partir da lei complementar estadual nº 571, de 24 de maio de 2012. Conhecido como “sertão” por se concentrar longe da capital, abrigava em seu território, no fim do século XIX e primeiros decênios do século XX, indígenas dos grupos Kaingang e Guarani, portugueses que vieram parar na região pelo *uti-possidetis* e negros. Esse conjunto de povos deu origem ao homem “caboclo”.

A ausência de hospitais e médicos obrigava essa população cabocla a recorrer às práticas de benzimento. Práticas essas baseadas principalmente nos ensinamentos indígenas, que consistiam no uso de ervas, rezas e determinadas plantas. Com a chegada do colonizador essas práticas foram mudando e se misturando às já existentes na Europa, o idioma da reza também foi alterado para o português ou o espanhol.

Nesse contexto, as benzedeadas eram elementos fundamentais para a sociedade. Responsáveis por curar as pessoas adoecidas se tornaram populares rapidamente no sertão. As benzedeadas eram figuras de grande prestígio social no início da colonização do sertão catarinense.

A guerra do Contestado veio para afirmar ainda mais essa prática. A figura dos Monges João Maria D’Agostini, João Maria e José Maria criou na população cabocla uma fé messiânica desmedida. Os monges, ainda hoje, mantêm lugar de prestígio na prática de benzimento. É através de iconografias e rezas que suas figuras são visitadas e comemoradas pela fé cabocla que se espalhou pelo território brasileiro.

Este artigo surge da necessidade de se avaliar questões pertinentes ao movimento messiânico que atingiu seu auge na guerra do Contestado e se enraizou na cultura e identidade da região na qual o conflito foi inserido. Percebe-se, contudo, um escasso estudo quanto à relevância da contribuição cultural, econômica e histórica dos caboclos para a região do Contestado, principalmente no que concerne ao papel das benzedeadas, foco de maior preponderância deste projeto. O resgate histórico do legado desses indivíduos através da história oral é a possibilidade de dar voz a um passado que por muito tempo

permaneceu silenciado. Estudar a figura das benzedeadas dentro deste gigantesco processo de apagamento da memória é lutar pela preservação do direito por uma história.

O artigo se propõe a analisar como as benzedeadas ressignificam as tradições e costumes messiânicos originários da guerra do Contestado mesmo com as diversas dificuldades e entraves para a manutenção desta cultura na atualidade, levando em conta os avanços tecnológicos, a necessidade de urgência da sociedade contemporânea e a facilidade de apoio hospitalar.

Ao se analisar bibliografias já existentes quanto aos temas aqui propostos para discussão, se percebe uma variedade significativa de estudos no que se trata do tema benzedeadas. Da mesma maneira se identifica um número considerável de estudos acerca da guerra do Contestado, entretanto, há uma ausência na discussão dos aspectos culturais e identitários que surgiram no período da guerra (1912-1916) para a formação da população que até hoje se concentra neste território. Assim, este artigo pretende analisar quais fatores culturais e ligados ao imaterial surgiram no contexto da guerra e se perpetuaram de forma oral até os dias atuais.

Também se faz necessária a problematização do trauma como uma característica desta população, visto que muitas dessas benzedeadas estão ligadas geneticamente ao conflito, é o caso de Dona Maria Francisca Simão que é filha de uma benzedeadas participante da guerra, muitas histórias, costumes, crenças e cotidiano de Dona Maria Francisca, conhecida vulgarmente como Mariazinha, estão diretamente ligados a ideais que nasceram em um contexto de conflito e que se perpetuaram seja pelo trauma vivido, seja por questões genético-familiares, é assim que muitas outras mulheres do sertão catarinense sobrevivem ao contexto regional no qual estão inseridas. Nossa pesquisa dedica-se a essa sobrevivência.

1.2 A fé nas benzedeadas e a guerra do Contestado

A guerra do Contestado foi um conflito territorial envolvendo o estado do Paraná e Santa Catarina, ocorrido entre os anos de 1912 – 1916. Ambos estados disputavam ferrenhamente o território que compreende o oeste de Santa Catarina e o sudoeste do Paraná. Outros fatores se agregaram ao conflito de interesses, como, por exemplo, a construção da estrada de ferro que cortaria o sul do país, indo desde o Rio Grande do Sul até São Paulo.

Empresas como a *Brazil Railway Company* (de capital dos EUA, responsável por obras ferroviárias no país entre 1906 e 1917), entre outras ações, foram as responsáveis pela construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande (ampliando as conexões via malha ferroviária). A ferrovia, concessão federal (Afonso Pena - 1906-1910), concluída em 1910, serpenteou com grandes voltas consideradas por inúmeros autores como “desnecessárias” (ABI-RAMIA, 2016). Além disso este território era de grande interesse para empresas de exploração de madeira que vinham do mundo todo, visto que Santa Catarina e Paraná possuem até hoje excessivas matas de araucárias, a principal entre elas era a *Southern*

Brazil Lumber & Colonization Company.

O descontentamento da população não demorou para acontecer, principalmente com a concessão de terras por parte do Governo Federal para a construção da estrada de ferro, eram quinze quilômetros de terra para cada lado, sem levar em conta que neste vasto território moravam pessoas, “dessa forma, o governo federal, ignorava a Lei das Terras de 1850, que estabelecia normas sobre a posse das terras brasileiras – somente por meio da compra alguém poderia tornar-se proprietário” (ABI-RAMIA, 2016). Expulsos de suas casas, desorientados e revoltados o povo se uniu em contrapartida ao governo republicano recém instalado. Eram em grande parte caboclos, homens e mulheres que viviam às margens da sociedade, grupo formado majoritariamente por indígenas, negros que ao fugirem da escravidão se instalaram neste território e ali permaneceram, imigrantes muito pobres, fugitivos da polícia, entre outros que haviam sido esquecidos pelo governo.

(...) os impactos que tais empreendimentos causaram no dia a dia das populações locais foram significativos: pelas desapropriações das terras, pela expulsão de moradores dos locais (que os ocupavam desde sempre) ou pela alteração profunda das relações de trabalho. Agravou-se o contingente de desempregados fixados na região, após o término das obras ferroviárias. Estudos indicam que foram recrutados, no início dos trabalhos, aproximadamente 4.000 trabalhadores, número que pode ter alcançado 8.000 nos quase 400 km de trilhos implantados. (ABI-RAMIA, 2016).

No meio de todo este cotidiano de miséria e abandono o caboclo sertanejo vê refúgio na fé. No Brasil do início do século XX movimentos messiânicos ocorriam com certa naturalidade ao longo do território, principalmente por grupos outsiders, como os caboclos do Contestado. Nasce nesta população uma crença proveniente do desencantamento e falta de perspectiva de futuro. É impossível falar de guerra do Contestado sem se levar em consideração o movimento messiânico, ele foi o alicerce para a luta dos caboclos.

No território contestado três monges se destacaram, João Maria, João Maria D’Agostini e José Maria, muitos fiéis acreditam que os dois primeiros eram a mesma pessoa, possivelmente reencarnada. O problema de professar a fé messiânica se dá quando os interesses do povo vão contra os interesses do governo. Segundo Abi-Ramia “Em 1912, José Maria e seus seguidores fundaram um arraial de caráter político-religioso nomeado de “Quadro Santo”, nos campos paranaenses de Irani; justamente na região disputada pelos estados de Santa Catarina e Paraná”. O governo paranaense logo viu o estabelecimento dos sertanejos como uma iniciativa do estado de Santa Catarina para a fixação de população e assim tomada de terras, enviaram um pedido ao líder dos caboclos para que saíssem das terras contestadas, contudo, o monge José Maria não cedeu à pressão do governo, implodindo assim a primeira batalha em 12 de outubro de 1912, nesta batalha tanto o monge quanto o capitão do exército paranaense João Gualberto são atingidos e morrem. Este episódio dividiu muitas opiniões, mas a grande massa populacional passa a ver os caboclos como fanáticos, é neste momento que o governo percebe sua vantagem sobre essa população, tinham o apoio da comunidade em um geral.

Envolto ao credo messiânico estava a cultura de benza, os monges realizavam curas a partir do benzimento de forma totalmente altruísta, ou seja, não pediam nada em troca, isso porque acreditasse que o benzimento é um dom recebido por poucos, pode acontecer por nomeação ou hereditariedade. Dentro da fé professada pelos caboclos do Contestado algumas pessoas poderiam benzer e curar, outras poderiam rogar profecias, mas tudo em nome do Monge José Maria. Após a morte do último monge os fiéis sertanejos passam a conviver ainda mais com a ação do benzimento e se ligam ainda mais ao mundo imaterial e a fé ao seu messias.

É neste contexto sócio-político que intensificam as figuras das benzedeadas. A benza não necessariamente era feita por mulheres, mas geralmente era assim que acontecia. Já o dom vinha do além ou então passado de pai para filho, essas mulheres dedicam seus dias durante a guerra ao outro, cuidando, rezando, benzendo, aqueles que lhes procuravam. Foram responsáveis por manter viva uma grande parcela da fé que surgiu no início do conflito e eram figuras importantes dentro das comunidades formadas pelos revoltosos.

1.3 Benzimento e resistência

“O benzimento é costume antigo e está no dicionário. Benzer vem do latim *bene dicere*, que significa bendizer. Dizer bem de alguém e fazer o bem.” (MARTINS, 2017). Desde que os portugueses chegaram ao Brasil a ideia de benzimento se tornou presente, mas diferente das “bruxas”, a principal ideia é que as benzedeadas sempre praticam o bem. Quando imaginamos uma benzedeadas a figura que se fixa a nossa cabeça é uma senhora, já passada dos cinquenta anos, com um ar de simpatia.

Geralmente o benzimento está atrelado ao catolicismo, contudo sua fé é sincrética, ao observarmos um altar de uma benzedeadas observamos imagens variadas, como Iemanjá, Nossa Senhora Aparecida e São Jorge, por exemplo. No caso das benzedeadas ligas a fé messiânica do Contestado é indispensável uma imagem do Monge José Maria sentado ao lado do seu cajado. É uma forma de fé diferente das demais, tanto pela diversidade de formas de acontecer como também pelo tempo que sobrevive.

As benzedeadas do Contestado são figuras únicas, suas vidas geralmente se dividem entre ser mãe e dona de casa ao mesmo tempo que atende atenciosamente os fies em busca dos mais variados benzimentos. Segundo Vitor Augusto Silva,

compreender as benzedeadas e sua prática de cura é buscar o significado de sua prática social, entendendo como é recriada essa cultura popular. Significa explicitar, a partir de relações sociais definidas, uma visão de mundo, da benzedeadas com aqueles que a procuram, com o seu ofício de benzer, com a sua vida cotidiana. (SILVA, p 145. 2012).

O ato de benzer é uma construção social, parte importante da população e ao mesmo tempo carrega consigo vestígios dos estudos científicos. As benzedeadas se apropriam de ervas, plantas e sementes para o auxílio na cura e isso as torna mais do que apenas

mulheres “praticando magia”, são especialistas no que se propõem a fazer, testam e descobrem formas diferentes de usar as mais variadas propriedades de cada planta e suas combinações, o que seria isso senão medicina?

Muitas vezes cunhadas como feiticeiras, outras como curandeiras, o que define as benzedoras é a crença em sua arte de cura pela reza, sinal da cruz e ervas. Como objeto de estudo, o universo acadêmico situa as benzedoras como médicas populares. As leituras do fenômeno da benzeção respondem a olhares que percorrem, desde o campo médico-científico, até os trabalhos das ciências sociais e humanas—sociologia, antropologia e história –, em que um leque de abordagens e estudos se abre centrando na questão da religiosidade popular. (SILVA, p 146. 2012).

Neste artigo analisaremos a matéria “Mariazinha, a filha da Guerra” da jornalista Ângela Bastos, para a versão digital do jornal Diário Catarinense, do ano de 2015. Na matéria vinculada ao site do jornal, a primeira imagem que aparece é de uma senhora já com idade avançada, seus cabelos brancos e roupa colorida se destacam. É uma entrevista cativante, que conta um pouco sobre a jornada de Dona Maria Francisca Alexandre Simão, vulgarmente chamada de “Dona Mariazinha”, seu registro de nascimento é de 1989 e nele consta que no ano de 2015 Dona “Mariazinha” teria 89 anos, contudo, a jornalista destaca que há por parte dos familiares da entrevistada a especulação de que sua idade na verdade chega próximo a um século. É importante salientar que a discrepância entre datas de nascimento e de registro oficial da população rural em todo o território Nacional ocorria/ocorre de forma muito natural e que há casos da não existência do documento, isso graças a dificuldade em se ter acesso aos cartórios e também ao não letramento dos indivíduos.

Dona Mariazinha mora atualmente na cidade de Santa Cecília, mas seu local de nascimento é o município de Lebon Régis, um dos principais palcos da guerra do Contestado. Se seus familiares estiverem certos, a senhora nasceu em meio aos conflitos e teve sua infância marcada pela guerra. Ao longo da entrevista dona Mariazinha destaca costumes rotineiros que são traços marcantes de uma vida sofrida e de memórias traumáticas criadas pelo desenrolar dos conflitos da guerra do Contestado.

Mariazinha fala claramente: só entra em casa quem for convidado. A frase enfática é confirmada pelas placas de advertência espalhadas no terreno. Intrusos são recebidos com armadilhas: cerca de arames, buracos, cincerro (sino de pendurar no pescoço do gado). Aos homens, limites materiais. Aos espíritos, barreiras espirituais. Pés de alecrim fazem a limpeza do ambiente. Os de arruda mandam coisa ruim embora (BASTOS, 2015).



Figura 1. Maria Francisca Alexandre Simão, conhecida como Mariazinha.

Fonte: Diário Catarinense

Sua dileção pelo seu espaço de terra é muito ligado aos momentos de pós guerra, muitos dos caboclos que foram expulsos de suas casas ficaram desabrigados e buscavam um lugar para estar, a garantia de um lar era inexistente, muitos se uniram e criaram vilas, redutos para a sobrevivência em grupo, na entrevista de Bastos, dona Mariazinha fala sobre a satisfação de encontrar enfim um lugar para se abrigar. Além disso a fome era um fator diário na vida dessas pessoas “E a nossa comida, aquela tristeza, nós dávamos graças quando encontrávamos uma casinha velha para se esconder e o que comer” (BASTOS, 2015) É importante compreender que o trauma vivido pela geração de Dona Mariazinha é recorrência de uma infância onde a própria sobrevivência era questionada, uma criança que nasce em meio a guerra sem dúvidas carregará consigo lembranças cruéis e isso muda sua percepção de mundo.

Dona Mariazinha é aposentada, mas trabalhou com agricultura quase toda sua vida, também já serviu de babá à fazendeiros da elite local, foi doméstica, assim como, serviu de camareira e auxiliar de cozinha em um hotel. Atualmente vive com apenas um salário mínimo, em uma casa muito simples, sem água encanada e com luz elétrica apenas por bateria, dona Mariazinha compreende a injustiça social do mundo que lhe cerca.

É uma das muitas mulheres sertanejas que destinaram sua vida aos outros, criou um filho postiço e sente pela morte de dois outros filhos biológicos. É muito católica, sempre que possível vai à missa. É benzedeira, herança deixada pela mãe, dona Mariazinha é uma entre tantas mulheres que carregam consigo a fé no monge João Maria. “São João estava pelo mundo junto com a gente, era manso, andava com sua panelinha, dava de comer à multidão e sobrava comida” (BASTOS, 2015) Nesta fala, dona Mariazinha rememora uma história contada oralmente pelos caboclos que viveram ao lado dos Monges, existem boatos diversos sobre os milagres desses peregrinos, alguns deles falam sobre multiplicação de alimento em uma pequena panela de barro, outros citam o momento em que o monge João

Maria atravessa pelas águas de um lado ao outro do rio. Muitas destas histórias nos fazem pensar nos insígnies momentos vividos por Jesus na bíblia cristã.

Na matéria podemos ver fotos de um altar de simplicidade singular, localizado ao lado de uma janela, recebe pouca luz e nele pode-se encontrar uma diversidade grande de imagens, três Nossa Senhora Aparecida, uma Iemanjá, a imagem do Monge João Maria sentado ao lado de seu cajado, alguns pássaros, velas, rosários, uma imagem de Jesus crucificado, entre outros elementos que compõe a devoção sincrética do imaginário dos benzedores.

Mas é no altar no canto da casa que demonstra maior devoção. Reveladas pela luz da rua que perpassa a janela, surgem dezenas de imagens de santos. Entre essas, a do monge João Maria. Era de se esperar que alguém com tantas memórias da guerra fosse devota aos monges que sulcaram os sertões. Uns se dedicavam mais a atividades religiosas, outros a práticas mágico-medicinais; uns eram peritos na cura do gado, outros em doenças dos homens ou em propiciar a sorte ou o azar (BASTOS, 2015).

Dona Mariazinha é usada para exemplificar a luta de muitas mulheres que carregam o fardo histórico de narrarem com muita simplicidade a Guerra do Contestado, ela é também sinônimo de resistência, não só pela vida sofrida que enfrentou com tanta garra, mas pelo seu saber histórico empírico, muitas vezes questionado e subjugado. As benzedeadas sintetizam em si tudo que o homem contemporâneo nega, o saber popular, a fé sincretizada, o tempo de espera. São sinônimos de resistência ao mundo em que estamos inseridos, lutam contra o tempo e as adversidades que lhes são impostas, principalmente se tratando de intolerância religiosa.



Figura 2. Imagens de santos de Mariazinha que são usados na benzeção.

Fonte: Diário Catarinense.

As benzedeadas da Região do Contestado fazem ainda mais por nós e nosso passado, carregam consigo o ônus de salvaguardar os valores messiânicos ensinados no desespero do povo caboclo em meio a fome, guerra e desapropriação de terra. Como diria Dona Mariazinha tão sabiamente “são sofredores e vencedores”.

2 | SOBRE A EXPOSIÇÃO

Segundo Bordinhão, Valente e Simão (2017) “Uma exposição se realiza no encontro entre sujeito (visitante) e objeto (conjunto expositivo), ou, numa concepção mais abrangente e atual, entre a sociedade e seu patrimônio”. A partir deste conceito a exposição pretende analisar as Benzedeadas do Contestado não só como sujeitos históricos, como também patrimônio imaterial, imprescindíveis para a salvaguarda da cultura e identidade da Região do conflito.

Esta exposição pretende, através dos suportes de fotografia, vídeo e objetos, propor uma quebra de preceitos pré-concebidos pela fé explorada no benzimento, muitas vezes vítima de ataques. “As exposições se forem feitas com atenção e imaginação, podem inspirar, surpreender e educar.” (EDUSP, Planejamento de exposições, 2001) esse é o principal desafio da exposição “Memória, Resistência e Fé: As Benzedeadas do Contestado”. A ideia é sensibilizar o público para a percepção da importância de manutenção de costumes que retratam questões culturais perpassadas ao longo da história de uma maneira tão sutil como a narrativa oral.

A exposição tem cunho histórico, entretanto o material de suporte será artístico, isso porque a exposição será constituída de fotos e vídeos realizados ao longo das entrevistas com as benzedeadas. O fator culminante para a definição da exposição como histórica é o estudo da história oral da fé messiânica concebida durante os quatro anos da Guerra do Contestado. Além disso, o artigo pretende compreender como se dá a relação entre a fé sincretizada, cura e cultura popular, mesmo com todos os avanços tecnológicos que formam a personalidade de urgência da sociedade contemporânea, fazendo com que cada vez mais a ideia de benzimento seja deixada de lado, desta maneira as chances do papel das benzedeadas desaparecer no tumulto da rotina se tornam cada vez mais perto da nossa realidade.

A inspiração surge a partir de exposições como a “Cotidiana Fé”, composta por fotografias de benzedeadas e realizada por Leandro Vitto na Câmara de Vereadores da cidade de Caçador, entre os dias 17 e 30 de outubro de 2016, em homenagem a semana do Contestado. Leandro Vitto é um artista plástico autodidata caçadoreense e sua exposição fotográfica representa os costumes, altares, lugares de memória das benzedeadas da Região do Contestado, o projeto para a exposição conta com 36 benzedeadas e curandeiras espalhadas no vasto território do meio oeste catarinense, contudo, as fotos usadas para esta exposição são de terapeutas populares da cidade de Caçador. Trata-se de uma exposição itinerante, ocorrida anteriormente na cidade de Concórdia e Joinville, ambas

pertencentes ao estado de Santa Catarina. O resultado desta exposição, que é puramente artística se deu em um catálogo, “Cotidiana Fé” (2005). Este catálogo será usado como fonte de pesquisa, principalmente por retratar o desempenho das benzedeadas em seu cotidiano, levando em conta suas práticas. Muitas das fotografias mostram os altares das terapeutas populares possibilitando assim a análise do sincretismo religioso dentro da religião material.

Já a concepção da videoinstalação vem do conceito idealizado por Gabriel Bonfim na exposição “M: Meu Lugar na Sociedade”, exposta no museu da Fotografia, instalado no Solar do Barão na cidade de Curitiba, entre os dias 06 de março a 10 de junho de 2018. Na exposição Gabriel Bonfim retrata através de fotografias mulheres que sofreram algum tipo de opressão por parte do sistema patriarcal ao qual estamos impostos. Dentro da exposição telas de tablet exibiam mulheres contando um pouco da sua trajetória e como conquistaram seus lugares dentro da sociedade. Uma dessas mulheres é Maria da Penha, que retrata como é a luta diária em construir uma individualidade. A ideia do artista foi construir um vídeo de todas as mulheres fotografadas, sozinhas, uma em cada tela. Em certos momentos suas falas e imagens se confundem, se misturam, causando a sensação de unidade. É desta maneira que se pretende trabalhar a videoinstalação para a exposição “Memória, Resistência e Fé: As Benzedeadas do Contestado” justamente pelo conceito de salvaguarda da memória, cada uma à sua maneira, contudo construindo uma unidade identitária para a formação cultural do povo caboclo ainda residente no território do conflito.

A exposição contará com cerca de 32 fotos analógicas com a temática das benzedeadas, sendo que estarão dispostas no ambiente uma ao lado da outra. Nas fotos estarão representados majoritariamente rostos, mãos e bustos das benzedeadas, também estarão presentes nas fotos os altares e momentos de benzimento. Será realizado a cópia de um dos altares de uma das cinco benzedeadas, para que desta forma o público tenha acesso ao material físico destas mulheres, os objetos usados no altar não serão das benzedeadas, mas sim cópias. Na sala haverá um conjunto de cinco telas com a exposição de um vídeo elaborado ao longo da pesquisa, com depoimentos das benzedeadas.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Benzedeadas são figuras de poder social, estão inseridas nas mais diversas comunidades, desde as mais pequenas vilas, até grandes centros urbanos. Buscam pela fé, restaurar a saúde física e psicológica de pessoas com as quais nunca tiveram contato, e sem atribuir valor fazem seu ofício de maneira altruísta. Este artigo busca trazer reflexões quanto sua importância em um mundo cada vez mais urgente, onde personagens como as benzedeadas são vistos como representantes sociais desnecessários, obsoletos, quase que presentes apenas no imaginário social.

As benzedeadas aqui pesquisadas são responsáveis não só pela cura através da fé, pois em suas orações foram depositadas a responsabilidade de manter viva uma história

que por muito tempo foi renegada, a história dos caboclos que lutaram pelo seu direito a posse de terras. As benzedeadas da região do Contestado estão ligadas ao sagrado de formas muito variadas, mas estão também conectadas aos mais diversos mundos, são médicas, psicólogas, auxiliares de pesquisadores como nós, elas são o passado e futuro, são resistência, luta e dor. Como dona Mariazinha, que carrega consigo os traços de uma guerra sangüinária, ouviu de seus entes queridos as mais diversas atrocidades e talvez não compreenda como sua existência é e foi símbolo de resistência contra todo o processo de apagamento de memória que ocorreu na região.

Lutar contra esse apagamento da memória das benzedeadas é também lutar contra o fim de uma tradição oral de grande importância para a compreensão de um dos conflitos mais sangüinários da história do país, onde o número de mortos perpassa os 6 mil em uma região quase inóspita do centro oeste catarinense. Dona Mariazinha e tantas outras mulheres que praticam sua fé, sem se darem conta de quão importantes são, fazem da guerra algo real para a era contemporânea, resgatam a fragilidade do povo, mas também fortalece a esperança por justiça. As benzedeadas da região do Contestado dão sentido ao fazer histórico, pois o ato de existir dialoga com a importância de compreender e conhecer nosso passado, é através delas que encontramos respostas para continuar entendendo o ofício de historiador e o papel da história para com a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História Oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

ABI-RAMIA, Jeane. **A Guerra do Contestado**. Rio de Janeiro: Multirio, 2016. Disponível em: <<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/artigos/11064-a-guerra-do-contestado>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

BARROS, José D' Assunção. **O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BASTOS, Angela. Mariazinha filha da Guerra. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 2015. 28 de Outubro de 2015. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_mariazinha/index.html> Acesso em: 21/05/2019.

BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lúcia; DOS SANTOS SIMÃO, Maristela. **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. 1. ed. Distrito Federal: Instituto Brasileiro de Museus, 2017.

BRASIL. **Lei Complementar Nº 571**. Procedência: Governamental, Florianópolis, 24 de maio de 2012. Governador do Estado João Raimundo Colombo. Disponível em: <<http://leisestaduais.com.br/sc/lei-complementar-n-571-2012-santa-atarina-institui-a-regioes-metropolitanas-do-extremo-oeste-e-do-contestado-e-altera-a-lei-complemetar-n-495-de-2010-que-institui-as-regioes-metropolitanas-de-florianopolis-do-vale-do-itajai-do-alto-vale-do-itajai-do-norte-nordeste-catarinense-de-lages-da-foz-do-rio-itajai-carbonifera-de-tubarao-e-de-chapeco>> Acesso em: 20 de junho de 2018.

CAÇADOR Online. **Semana do Contestado**. Disponível em: <<http://www.cacador.net/portal/Noticias.aspx?cdNoticia=34284>> Acesso em: 18 de junho de 2018.

Curitiba. **Gabriel Bonfim mostra imagens de mulheres e seus dias de luta**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/gabriel-bonfim-mostra-imagens-de-mulheres-e-seus-dias-de-luta/45228>> Acesso em: 24 de junho de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Pesquisa e elaboração do texto Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão – Brasília, DF: IBRAM, 2017.

SALVINI, Carmen Tereza et.al. **No Quintal da Casa de Madeira**. Cartilha de Apoio Didático do Projeto Registrando Saberes: fazeres e dizeres dos benzedores e benzedadeiras do oeste de Santa Catarina. Pinhalzinho/SC: Museu Histórico, 2013.

SILVA, Victor Augustus Graciotto. **Benzedeiros**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2013.

SOBRINHO, Octacílio S. **Taipas: Origem do Homem do Contestado**. Florianópolis/SC, 2000.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 4. ed. São Paulo: Editora UnB, 1991.

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 